

Alimentação na escola pública

um estudo com adolescentes em unidades de ensino de municípios baianos

Maria do Carmo Soares de Freitas
Gardênia Vieira Fontes

Collabs.:

Adriana Melo
Amanda Mello
Elizeu C. Souza
Janaina Paiva
Kênya Araújo
Lilian Ramos Sampaio
Regiane Assunção Campos
Tâmara P. Oliveira

Aisi Anne Santana
Ana Paula G. Seixas
Franklin Demétrio dos Santos
Janaina Sant'Anna de Queiroz Costa
Ligia Amparo da Silva Santos
Mirella Dias Almeida
Sara Emanuela Mota
Valquíria Agatte

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FREITAS, MCS., FONTES, GAV., and OLIVEIRA, N., orgs. *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 422 p. ISBN 978-85-232-0543-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Alimentação na escola pública

um estudo com adolescentes em unidades de ensino de municípios baianos

Maria do Carmo Soares de Freitas | Gardênia Vieira Fontes

Colaboradores:

Adriana Melo, Aisi Anne Santana, Amanda Mello, Ana Paula G. Seixas, Elizeu C. Souza,
Franklin Demétrio dos Santos, Janaina Paiva, Janaina Sant'Anna de Queiroz Costa, Kênya Araújo,
Ligia Amparo da Silva Santos, Lilian Ramos Sampaio, Mirella Dias Almeida, Regiane Assunção Campos,
Sara Emanuela Mota, Tâmara P. Oliveira, Valquíria Agatte.

Introdução

A diversidade de informações sobre alimentação nas muitas instâncias sociais levou-nos a pesquisar os motivos que levam os escolares das unidades públicas de ensino a escolher e formar hábitos alimentares, sobretudo a partir do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Antes, lembramos o discurso oficial das ciências da nutrição, que nem sempre consegue associar o campo biomédico à realidade sociocultural ou nem sempre se conecta a outras possibilidades inscritas por atores sociais em seus distintos grupos ideários. Neste sentido, este estudo de abordagem quali-quantitativa sobre a alimentação do escolar traz o cotidiano das escolas públicas em duas unidades da cidade do Salvador e em quatro outras de municípios circunvizinhos: Lauro de Freitas e Alagoinhas.

A polissemia alimentar da sociedade brasileira revela valores específicos e globais, para os que vivenciam a escola, em particular os adolescentes, pois são estes os que mais inscrevem valores e definições sobre a alimentação e objetam a retórica do sistema oficial, este que fala de equilíbrio entre micro e macro nutrientes, percentuais bioquímicos para garantir melhor desenvolvimento físico e mental. Entretanto, pouco se relaciona à realidade para rediscutir um modelo de orientação alimentar mais aproximada do contexto sociocultural de maneira geral.

Esses adolescentes investigados pertencem às camadas populares urbanas e semi-urbanas (pela proximidade do rural) e em suas falas denunciam valores culturais e condições socioeconômicas que repercutem em significações sobre a alimentação que recebem do Estado. O Programa de Alimentação Escolar (PNAE) do Ministério da Educação é entendido por estes agentes sociais, que vivem carências e insegurança alimentar, como parte do currículo a que estão submetidos e que são obrigados a adaptar-se.

Assim, este estudo permite uma abertura para conhecer alguns dos aspectos necessários à reorientação do Programa em nível local, na vida cotidiana escolar em que valores como tradições e crenças no campo da alimentação e da saúde, aparecem como indicativos de aceitabilidade ou recusa dos alimentos oferecidos em cada campo específico das escolas investigadas. Contemplamos enunciados dos sujeitos implicados na

alimentação escolar para obter uma compreensão desta temática, revestida, por um lado, de ideologia e poder político, e por outro, de necessidade, indiferença e fome.

São os traços culturais que tornam complexas as indagações para a compreensão dos significados da alimentação do escolar. São estes os resultantes de escolhas objetivas e subjetivas cujos valores, socioculturais nos aproximam das respostas sobre a realidade social dos sujeitos implicados e sobre suas vivências com a temática. Para tanto, foram observados e analisados: a alimentação saudável e a escola; campo semântico; a alimentação da escola como símbolo do conteúdo escolar; a alimentação como formalismo e valorização social dos atores envolvidos; a participação ou não dos atores sociais no processo de elaboração de cardápios; os sentidos sobre o comer na escola e na rua; os hábitos alimentares da família, da escola, da rua (proximidade da escola); a análise das dimensões dominantes expressa pelos sujeitos da escola; saúde e alimentação; conceitos de risco no trabalho da executora da alimentação escolar; contaminação alimentar; qualidade alimentar e segurança alimentar e nutricional; memória alimentar dos escolares do ensino médio.

O cuidado com o corpo e com a alimentação tem sido um dos temas complexos no mundo contemporâneo. A alimentação em diferentes grupos sociais distintas representações da realidade e semelhantes quadros nosológicos, como obesidade, hipertensão, diabetes e enfermidades coronarianas.

Diante desta problemática, em que a obesidade se apresenta como uma pandemia (em várias partes do mundo), a alimentação para o corpo saudável demanda a necessidade de reproduzir práticas correspondentes a teorias que expressem maior equidade de nutrientes como respostas à saúde. A expressão “alimentação saudável” tem sido definida por técnicos e cientistas da saúde como um estágio de re-significação alimentar na prevenção dos transtornos alimentares, os quais podem ser tomados como registros de um modo de pensar e agir sobre o comer.

De fato, a obesidade em adolescentes é um quadro visível em várias cidades do País (MONTEIRO; CONDE, 2000). Dentre as causas mais frequentes, observa-se o crescimento da oferta de carboidratos simples e gorduras sob a forma de guloseimas e frituras nos espaços públicos das proximidades das escolas e que concorrem com a alimentação

de melhor qualidade oferecida gratuitamente para o ensino fundamental no interior da escola pública.

São ainda raros os estudos que investigam noções conceituais sobre alimentação saudável por estudantes das camadas populares e em especial são raras as avaliações do programa de alimentação do escolar. Neste sentido, o presente projeto de pesquisa pretende produzir um conhecimento capaz de auxiliar a melhor atuação do PNAE, em Salvador, municípios e distritos vizinhos.

Hipoteticamente, pode-se dizer que os significados da alimentação escolar são distintos em cada contexto sociocultural e para cada sujeito. As construções conceituais dependem da implicação dos sujeitos, constitutivas no espaço da unidade familiar, seus primeiros anos na escola, contextos em que a narrativa recordada pode descrever (BENJAMIN, 1989).

Conforme observações realizadas em duas escolas públicas de Salvador e duas em outros municípios, durante 12 meses, a alimentação nem sempre é aceita pelo escolar, principalmente para os que têm mais de dez anos de idade. Representa um atributo imposto, de uma escola igualmente imposta, sendo por isso, rejeitado pelos que querem transgredir conceitos e sistemas fechados (FREIRE, 2000). Também o acesso às muitas opções oferecidas no espaço público ou a rua na proximidade da escola sugere ser esta uma possibilidade livre e nunca uma imposição.

Da observação do pequeno comércio de lanches nas proximidades de escolas e a suposta negação das refeições servidas aos alunos, percebe-se junto aos alunos da 4ª série a formação de sentidos socioculturais sobre a alimentação oferecida. A escolha da série é atribuída aos conteúdos curriculares que abordam as ciências naturais: o corpo, a alimentação e a saúde, conforme se notificou. Ademais da 5ª série em diante muitas escolas do governo estadual já não oferecem alimentação no curso médio.

Em resumo, temos como objetivos principais: 1) compreender os significados da alimentação escolar por atores sociais que vivenciam o cotidiano dessas escolas. Especificamente, escolares da 4ª. e 5ª. séries; os da 1ª. série do curso médio e o supletivo à noite; 2) interpretar e analisar narrativas e redações (autobiografia alimentar) dos escolares; discursos oficiais do Programa Nacional de Alimentação Escolar junto aos

professores e merendeiras das referidas escolas; o padrão alimentar dos alunos do ensino fundamental das séries acima mencionadas.

Material e métodos

A pesquisa de abordagem qualitativa utilizou como técnicas a observação participante e a análise de significantes das narrativas de escolares, professores e merendeiras, seguindo um roteiro semi-estruturado para entrevistas e focalizando critérios de aceitação, rejeição, descrição da alimentação oferecida e de outros alimentos procurados na proximidade da escola. Como motivações para referir-se aos aspectos éticos sobre a nutrição e saúde dos escolares, foram realizadas redações com a intenção de que eles refletissem sobre o comer, a escola, a merenda, para tentar uma abertura sobre o tema. Em particular, as autobiografias redigidas trouxeram significantes diversos com os quais foi possível cruzar informações (LUDKE; MARLI, 1986, SOUZA; ABRAHÃO, 2006). Foram recordadas a alimentação do escolar no período de 5 a 10 anos atrás, junto aos fragmentos da memória dos jovens do ensino médio e supletivo.

A análise organizou um conteúdo que relacionou questões representacionais e simbólicas sobre a alimentação na casa, na rua e principalmente na escola. Os objetivos políticos do PNAE eram desconhecidos dos professores, merendeiras e alunos. As análises das autobiografias dos escolares sobre sua alimentação confirmaram a escolha de produtos ao fazerem analogia com o prazer e a brincadeira e não com a saúde propriamente dita. A preferência é comer com recreação, conforme observamos em estudantes da 4ª. série e do 1º. ano do curso médio e supletivo, sendo que já não recebem alimentação do Programa¹.

Estes instrumentos objetivaram a análise detalhada sobre o comer na escola, a formação de hábitos do adolescente, mudanças ou não, de condutas alimentares prejudiciais à saúde. O estudo se apóia em uma temporalidade que tem como base as lembranças sobre a alimentação na infância e no tempo atual. Delimita-se, assim, o sujeito/objeto indicativo de questões biológicas e sociais para se compreender a tradição e as novas aquisições do comer em cada personagem deste estudo. A compreensão do que pensam sobre a alimentação na escola, na casa e na rua, gravita

em torno de cada sujeito compondo associações específicas para indicar a conjugação de categorias do cotidiano como: preferências, sabores, tradição, hábitos e as associações semânticas indicativas de significantes para os escolares, como: *bom e ruim de comer; necessidade; besteira; fome*. Para professores e merendeiras: *obrigação; necessidade; o governo dá e o aluno tem que receber; não precisa ter gosto*.

Desse modo, descortinaram-se valores sobre o comer na escola, sem olvidar conteúdos curriculares que se referem à alimentação saudável e à nutrição. A cuidadosa análise narrativa tomou como critérios a seleção de significantes expressos nas falas dos sujeitos investigados. Para alguns autores os significantes ou termos e expressões chaves são as enunciações mais significativas do problema (BARTHES, 1992, 1997; GEERTZ, 1989). Nesse sentido, foi importante valorizar o contexto específico da fala, registrar os fragmentos da história de vida, os sinais relacionados à alimentação interpretados pelos sujeitos implicados nestes contextos analisados (DELEUZE, 2005, SOUZA; ABRAHÃO, 2006).

Ao reconhecer o contexto específico alimentar como um dado regional dos sujeitos, foram agregadas informações para compreender o que é possível modificar nas práticas socioculturais prejudiciais à saúde.

Alimentação na escola

Para uma sistematização das informações obtidas em entrevistas gravadas e transcritas, foram agrupadas por categorias unidades analíticas e subtemas sobre os sentidos de comer, de sociabilidade, de estruturas relacionais à cultura e ao conhecimento da nutrição adquiridos na escola e na família. O número de sujeitos entrevistados (professores, executores da alimentação e escolares do ensino fundamental e médio) ocorreu em campo desde as primeiras informações e sucessivas interpretações desses sujeitos sobre o tema.

Foram diversas as visitas às escolas, onde se realizaram aproximadamente 50 entrevistas, registros de observação direta, redações, conformando a perspectiva desenhada da investigação, ao objetivar uma construção aprofundada da análise (LÜDKE; MARLI, 1986, MINAYO, 1996, ORLANDI, 1993, VÍCTORA, 2000).

No empírico, o escolar e sua alimentação não se separam para o processo interpretativo. Como se sentem com a alimentação oferecida, como pensam a comida e o corpo são algumas das questões investigadas. Ao analisar falas, observam-se heteroreferências e auto-referências sobre a alimentação, a escola e o corpo, formas de reconhecimento do escolar e dos trabalhadores das escolas sobre a alimentação do PNAE e outras.

A referência alimentar que atribui valor de qualidade entre bom e ruim configura-se como sistema organizado que interage reciprocamente. Assim, gostos, imagens e sensações ora se assemelham, ora se afastam. Ora o mingau é ruim, ora é a sopa, ou fruta. Algumas vezes, alimento ruim ou bom está associado à qualidade da sala de aula, um conteúdo que não é apreciado pelo aluno, como aula de redação ou matemática. A receptividade do escolar com os alimentos oferecidos pelo PNAE muitas vezes faz diferenças na sensação do gosto. O grupo social estudado possui, então, semelhanças em suas histórias sociais e possibilidades diversas no campo individual.

Os enunciados sobre o que comem e o que desejam na escola são informações que expressam hábitos, crenças e tantas outras capacidades adquiridas por esses adolescentes que vivenciam experiências da pobreza e da extrema pobreza. Comer o que não gosta nem sempre pode ser dito. A expressão de silêncio sobre o tema revela e constrange.

O escolar entende o PNAE como um assunto presencial do cotidiano da escola em que não há escolha. Esta condição encerra e abre a reflexão nos níveis internos de impressões e interpretações sobre o que concebem como bom ou não para si. É nesse campo interno ou subjetivo que os sujeitos se reconhecem e conectam aos valores da comida da casa, da rua e da escola. Por esta razão, o comer-na-escola é uma realidade circundante de objetos diversos para os estudantes, com sentidos que se assemelham e se retraem, como pudemos observar. Alguns comem o que não gostam, mas não podem recusar, outros têm *nojo*, *passam mal*, outros dizem gostar muito de qualquer refeição oferecida. Os contextos particulares e as histórias de vida fazem parte inseparável das sensações.

Da pluralidade micro-contextual da escola – cada série, classe, grupo de amigos – há um conjunto de traços que se constituem critérios da textualidade analisada. Esta produção expressa uma multiplicidade de sentidos que se entrecruzam de modo inesgotável entre os subtemas e os

protagonistas. As informações se cruzam para denunciar semelhanças e diversidades entre si, numa condição objetiva-subjetiva que transcende a mesma realidade (RICOEUR, 1988). Desse modo, o que é ruim para um é igualmente ruim para o irmão em outra classe ou para o grupo de amigos.

O cuidado de si

Quero uma alimentação saudável rica em vitaminas, cálcio e tudo que seja bom para nossa saúde. Mas, só penso em comer produtos enlatados, ou aquelas deliciosas massas (pizzas), doces e outras guloseimas, mas estou descobrindo que uma boa alimentação tem que começar desde pequeno para que mais tarde não venha a ocorrer sérios problemas (escolar, adolescente).

Ao tentar uma correspondência reflexiva entre os estudos de Michael Foucault (1985) sobre “o cuidado de si” e a noção de alimentação saudável expressa em diversos discursos e na mídia, entende-se a adjetivação e simbolização da disciplina do corpo e do gosto no mundo moderno. Isto se dá quando se reúnem conteúdos sobre os termos “alimentação” e “saudável” na regulação da conduta do comer, esta, que a sensibilidade humana pode formular (DELEUZE, 2005; FOUCAULT, 1985). Desse entendimento, pressupõe-se o campo do comer como uma pluralidade cultural em que o indivíduo em qualquer sociedade se identifica para sentir-se atualizado no mundo em que a mídia regula valores e modela o cotidiano (COUNIHAN; KAPLAN, 1998).

De fato, ninguém está alheio ao que come. E são os espaços do comer, numa temporalidade e intencionalidades próprias das relações sociais, que sustentam representações e crenças a expressarem a alimentação individual e coletiva, nos ritos da “camaradagem” da escola e tantas qualidades que conferem publicidade e valor para os adolescentes, em geral.

Para os nossos entrevistados, o cuidado de si toma o gosto como referência principal e fenomênica cultural. Como um princípio racionalizador e moral. Neste aspecto, não é possível ignorar enunciados sobre como se vivencia a alimentação nessa fase da vida, entre escola, rua e família. Como um rito da conduta para aceitação de si no mundo, o adolescente escolar antecipa esta conduta ao pensar sobre o prazer de comer e o projeto racionalizador do saudável. Assim, neste conflito, tudo se torna intencional: a escolha, a recusa, o gosto.

Para uns, ir à escola está, portanto, associado ao comer na porta da escola, na rua da escola, em frente aos comparsas que também vivenciam este prazer socializador. Ao ocupar-se de si neste rito, a alimentação saudável é a regra moral, a norma escolar. Objeto de antecipação da ocupação de si, o cuidado com o corpo aparece nas falas desses jovens mais como aceitação pelo outro que pelos valores sobre o saudável biológico.

A expressão saudável entra no campo intersubjetivo como uma conduta de verdade da escola e não como uma necessidade do escolar em ocupar seu corpo em procedimentos sobre o bem fisiológico. Para eles, a analogia entre corpo e comer está no prazer, na felicidade de estar com outro (s). “Saudável é ser feliz”, aceito, visível. Toma-se o conceito de saudável como disciplina, moldagem do pensar o corpo, como uma matéria escolar que se tem que memorizar.

Do discurso oficial do PNAE sobre o saudável alimentar (BRASIL. Ministério da Saúde, 2006), notifica-se que, para os escolares, não há conexões entre mundo saudável e alimentação. As preferências alimentares dos escolares são questões específicas em cada lugar. Ora se gosta de mingau, ora este alimento pertence à criança e não ao adolescente. Ora a sopa é alimento noturno, ora se gosta porque não há outra coisa para comer na escola naquele dia e, segundo alguns, pode-se fingir ser noite ou se sente o gosto da noite ao tomar a sopa da escola.

A fome do estudante da noite

Ao perguntar sobre a fome aos adolescentes que estudam à noite, as respostas foram surpreendentes:

Existem muitas fomes: de saúde, alegria. Fome de namorar. Fome de uma boa alimentação que me faça ficar mais belo e saudável (Augusto, 18).

Sem um sustento não temos força de vencer e nem de prosseguir adiante (Marcus, 19 anos).

O povo tem fome. Fome mata. Há muito desperdício e egoísmo. Os restaurantes não permitem que seus funcionários levem [comida] pra casa. Penso que o problema da fome tão cedo não acaba (Gláucia, 18); Tenho fome de comida, de justiça, de tanta coisa que é quase impossível enumerar. Neste exato momento, tenho fome de chocolate e batata frita. Nas sextas e nos sábados, tenho sede de

cerveja. Uma sede interminável. Quase sempre tenho fome de tudo (Renan Alves, 19 anos); Fome de paz e solidariedade. Sede de mudança. Graças a Deus, ele não me deixa faltar [comida], boa ou ruim tenho na minha mesa. Não tenho só fome de comida, mas de mudança (Vânia, 19).

E ainda: *Os nossos governantes não olham para o seu povo carente [...]. Temos fome de realidade, de um país melhor, de paz (João, 19).* A ausência da alimentação na escola à noite demonstra a indiferença das políticas públicas para estes escolares que trabalham durante o dia e estudam cansados e famintos após o trabalho. Portanto, as expressões sobre a necessidade ou o direito à alimentação escolar fazem alusão aos valores referenciais da estrutura social que conhecem. Para eles, “fome de paz”, e “de solidariedade” são os termos encontrados para sinalizar a ausência desses valores na escola: a falta de acolhimento ou de valor social que sentem ao serem tratados com indiferença em relação à fome.

O cotidiano é compreendido a partir de situações antagônicas e modos específicos de lidar com o comer. A experiência decifra noções sobre o gosto, o prazer da escolha que faz oposição à necessidade e à obrigação que estão no mundo da casa e da escola. Ainda que haja peculiaridade entre os espaços internos, há uma certa fidelidade que confere racionalidade no comer nesses lugares, principalmente na escola.

Eu comia besteiras na rua, doces, pipocas que fazem mal à saúde. Muitas gorduras, doces. Aqui na escola [na cantina] tem muitas guloseimas. Eu continuo comendo besteiras (João Carlos, 14); [...] ‘Gulosinha’ (pipoca doce). E em casa nem ligo pra comer muito, mas quando eu tenho dinheiro, compro coisas na rua (Cristiane, 15); comida de mãe é boa (Ana, 14).

Na casa existe a vigília dos pais. Em especial a mãe controla o hábito alimentar. O cuidado ao cozinhar distingue a comida de casa da alimentação escolar, segundo as narrativas dos alunos. Esse afeto é transmitido pelo gosto, que não é sentido na “merenda” da escola.

Para muitos adolescentes entrevistados, o comer na escola está fora do lugar. Faz-se a comida por fazer, no entendimento de algum escolar. Em casa é o lugar apropriado. Restaurar o espaço da escola, compartilhado com outros é a perspectiva de manter laços afetivos e certa homogeneidade do comportamento alimentar desses escolares.

A alimentação escolar é apenas uma parte do cotidiano do aluno e disputa espaço com alimentos da rua e da casa. Essa tríade espacial,

aparentemente separada, revela uma teia entrelaçada de sentidos que formam e reformam hábitos e atitudes. Oferecer uma refeição saborosa, visualmente atrativa, é proporcionar ao aluno a sensação de que ele tem valor social. Em conseqüência, podem-se fortalecer laços de afetividade através da comida. No entanto, a alimentação na escola muitas vezes é marcada pela repulsa dos alunos, devido a baixa qualidade de sabor e aparência: - Come-se forçado, tantas vezes. *Sinto vergonha, sinto que não agüento mais. A sopa não tem gosto: é sempre igual. Já vai fazer um mês que só dão sopa.* Estes e outros enunciados mostram a reação como um acontecimento que pode resultar em traumas e más lembranças dessa fase da vida pela aversão à alimentação.

Há também os que reconhecem a alimentação escolar como uma contribuição social. Alguns, com maior carência social, se submetem ao “sabor de remédio” dos alimentos industrializados (formulados) para não sentirem fome. Ainda que não falem da condição de fome crônica, este velamento justifica a adaptação aos alimentos do Programa.

O direito humano nem sempre aparece claro para os jovens que solicitam alimentação no curso noturno, como por exemplo: obter uma sopa quente à noite ou um pão. As idéias contornam o desejo de melhorar a alimentação escolar e a qualidade de vida para sentirem-se valorizados, dignos e cidadãos.

A impessoalidade cria, então, a intersubjetividade da alimentação escolar, situações concretas com o desaparecimento das diferenças do gosto, do hábito, da vontade. Também, os muitos sabores tendem a produzir representações distintas e códigos diversos entre os escolares. Por um lado, a pluralidade mostra a dificuldade em se homogeneizar percepções e exigir sensações semelhantes; por outro, a tentativa é de atribuir semelhanças para assegurar o controle disciplinador do gosto de seu consumidor.

A recepção como dádiva emudece o escolar pela racionalidade excessiva que lhe é atribuída. Um outro sentido é o de submissão do que *não tem gosto* ou *um gosto estranho, assim [...] diferente*. Os formulados, mingaus e misturas industrializados que compõem o cardápio nacional são distintos dos produtos mencionados nessas salas de aula como alimentos saudáveis. E mesmo indagando sobre a ausência do saudável e gostoso, não se obtém respostas claras. *Ela (a professora) disse que a gente*

tem de comer o que tem aqui. Mas se um dia me derem sopa gostosa vai ser bom (aluna da 4ª. série Alagoinhas).

Sozinho o adolescente não pode mudar a qualidade da alimentação que reclamam uns aos outros. E ao reconhecer seu papel social de consumidor e aluno, ele sofre pela indiferença que sente em relação ao cardápio imposto. Sente também outros gestos de indiferença quando diz que não há brinquedos nem educação física. Para eles: *merenda é no caneco e todo dia é igual [...] A merenda varia, é sempre ruim [...] Bom é sopa de macarrão, mas assim mesmo não tem gosto [...] Muita gente come porque é precisada [...]*.

A auto-compreensão do estudante sobre seu corpo e sua comida, os limites e os conteúdos morais que a cercam este entendimento, é uma construção complexa do tema (SANTOS, 2006). Sem estranhamento, os escolares devem recordar e interpretar seus papéis sociais: comensal (estudantes), executores (merendeiras), supervisores (professoras e diretoras), incorporando de modo reflexivo e pré-reflexivo referências para uma apreensão de mundo, em meio aos muitos objetos do cotidiano. As condições do trabalho do educador e o comportamento alimentar dos alunos compõem um nexo ainda pouco visto nas pesquisas de nutrição. As revelações desses atores da escola devem conformar um processo delicado, ontológico, sobre o comer.

Por estas razões, o presente trabalho tenta compreender os significados da alimentação (programa ou não), a partir do diálogo com escolares, professores e funcionárias que preparam a alimentação nas escolas.

A necessidade aparece como um sentido em que comer e estudar são termos inseparáveis. O contexto da alimentação escolar se modifica a cada região estudada, a cada escola. O comportamento dos alunos, os hábitos alimentares, os modos “à mesa”, a aceitação da merenda, são objetos influenciados pelas condições de vida de cada sujeito. No município de Alagoinhas, as escolas periféricas são marcadas pela extrema pobreza e violência. Alunos se rebelam com o tipo de alimentação, desperdiçam, atiram frutas e comida uns nos outros; a noite, as escolas sofrem roubos de alimentos e de botijões de gás. Ao mesmo tempo em que alunos reclamam da monotonia alimentar com a falta de produtos para atender ao cardápio prescrito, observa-se o descaso político sobre a qualidade da escola pública. A situação contradiz os objetivos do PNAE de formação de bons hábitos alimentares, com variação, incentivo à

produção local, estrutura física adequada, procedimentos corretos de higienização e conservação de produtos.

Percebeu-se que, em geral, o trabalho da merendeira é marcado por carências materiais que afetam a alimentação oferecida. Na cozinha faltam ajudantes, ingredientes, uniforme, equipamentos e utensílios, que ofereçam condições adequadas para se realizar a atividade. Por consequência, é um serviço desgastante, devido a sobrecarga de trabalho na área. Conforme testemunhos orais: *Na cozinha é cansativo; tudo aqui é na base do arranjo. Aqui não tem muitas panelas. Mas, a gente vai improvisando. Segura na mão de Deus pra não pegar uma bactéria* (merendeira, Alagoinhas).

As merendeiras (Lauro de Freitas) também revelaram que há muitos casos de desmaios e dores de cabeça entre os alunos, pois muitos não têm o que comer e sentem vergonha de referir sobre isso. Lembram que muitos alunos de bairros pobres têm a merenda como única refeição do dia.

A prática alimentar da escola é dissociada do doméstico. Este estranhamento do gosto familiar, presente na escola, é comparado com uma sensação que está fora do lugar comum e, por isso, é concebido como “gosto estranho”. Também, a figura materna imbricada no preparo do alimento é substituída por alguém “estranho”. Vivenciam assim, a qualidade de alimentos que conhecem mas estranham, pois não se come feijão com arroz nem sopa ou mingau no recreio. Comida de recreio é [...] coisa boba. Brincadeira. [...]. *A comida da casa é temperada com o tempero especial chamado amor. Sei que muitas pessoas das escolas fazem comida para os alunos, só por fazer. Na minha casa tudo tem cheiro de amizade, aroma e gosto de felicidade* (Emerson, 13).

Uma leitura sobre a pirâmide alimentar

A expressão gráfica de um desenho geométrico, em forma de pirâmide é utilizada como guia alimentar por reunir pressupostos da nutrição adequada para ser compreendida pela população, como ocorreu nos Estados Unidos e Canadá (PHILIPPI et al., 1999). A imagem denota um signo de equilíbrio que reúne os alimentos em categorias considerando os principais nutrientes para uma dieta cotidiana. Trata-se de um informativo sobre a qualidade de alimentos para a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida (PHILIPPI, 1999). Para conhecer a

interpretação deste desenho pelos consumidores, convidamos alunos da 5ª. série do curso fundamental e da 1ª. série do curso médio em duas escolas do Salvador.

Conforme Barthes (1997), um desenho como um signo é composto de significantes e significados e se constitui como expressão da linguagem. Nesse aspecto, a pirâmide alimentar é a leitura semiótica do equilíbrio alimentar proposto pela ciência. É um texto, uma mensagem sobre alimentação que o indivíduo utiliza para referir sua nutrição. A pirâmide como linguagem é a representação do discurso técnico-científico resumido entre linhas geométricas. *A priori* é um ícone para o interpretante. Entretanto, nem sempre o receptor da mensagem consegue relacionar a pirâmide a um código alimentar que se quer representar no campo técnico.

A imagem da pirâmide não se relaciona à realidade dos indivíduos. Faz parte de um sistema fechado, não integrado a um contexto. Como refere Bakhtin (1992), na visão dos racionalistas, apenas a lógica interna do próprio sistema de signos interessa, sendo estes considerados independentes das significações ideológicas que se ligam.

Para os alunos entrevistados, a pirâmide alimentar não expressa equilíbrio de alimentos, mas antes “um lugar que se guarda alimentos”; um “quadro” decorativo; uma hierarquia contrária. Nem sempre é possível conjugar em uma geometria a totalidade de normas estabelecidas para uma alimentação equilibrada em nutrientes. Para os escolares, somente após a explicação técnica sobre a mensagem do desenho é que a nutrição aparece como objeto ético. O desenho objetiva tornar-se um signo indicativo da nutrição como um sistema auto-explicativo e acessível aos leigos; um esquema simples, racional, equilibrado, saudável, uma possível leitura associada à linguagem técnica para denotar a alimentação escolar como uma necessidade do sujeito de manter sua vida, sua saúde, seus hábitos e de obter um melhor desempenho dos escolares, em especial na rede pública, onde se encontra a maior parte dos alunos de baixa condição socioeconômica.

Conclusão

Os resultados apontam para a necessidade de inserção da educação nutricional como parâmetro curricular nacional, vez que a escola também

é um espaço responsável pela formação dos hábitos alimentares. Considerando esta disciplina uma problematização dos fatos e das idéias, poderá possibilitar ao aluno construir uma autonomia no cuidado com sua alimentação e sua saúde.

O programa de alimentação escolar como parte integrante das atividades da escola é entendido por professores e funcionárias como uma dádiva e não um direito do aluno; pelo escolar como uma obrigação que se assemelha a uma matéria curricular. Nessa perspectiva, observou-se que não há um entendimento sobre a real aceitabilidade do alimento e das referências culturais do comer por agentes que coordenam o programa.

A noção da perda do desejo ou do gosto, observado pelos que não têm outros recursos para se alimentar, não é uma ilusão destes personagens. Os escolares tendem a reproduzir, em meio às suas dificuldades econômicas, as tradições, representações sociais e símbolos em relação aos alimentos e apresentam a “necessidade” e a “obrigação” como significados associados à carência alimentar. Esta é a resposta mais evidente do comer e que se mescla com os objetivos do programa de alimentação. A não aceitação do alimento pelo escolar é uma reação normal do desgosto, da não vontade, da liberdade de escolha, mas julgada por professores como a negação da dádiva do Estado, pela falta de reconhecimento do aluno ao atendimento de sua necessidade biológica, como se o comer não comportasse valores afetivos e socioculturais.

A instância moralista que considera o alimento uma dádiva é mais valorizada por professores do que as noções biológicas. A obrigatoriedade da imposição de qualquer cardápio aos escolares revela que professores e também funcionárias que preparam a alimentação, entendem que os escolares são passivos ou fáceis de terem adestradas suas sensações. A noção da perda do desejo, ou do gosto em si, dos que não têm outro recurso para se alimentar é uma ilusão. Muitas vezes, os alunos jogam fora o alimento ou dizem sentirem-se mal. Há uma tendência à recusa do alimento oferecido e a procura fora da escola de autonomia e liberdade de comer. Em relação à alimentação do escolar, a obrigatoriedade do comer conforme o julgamento dos professores é uma espécie de conversão da cidadania em obediência. Expressa uma realidade da escola em que o gosto da comida se confunde com a percepção da ordem. O recreio é um rito no meio da manhã ou da tarde. O meio sempre foi o lugar da merenda,

agora tomado pelos salgados, a sopa, o feijão ou um novo lugar de mingaus e achocolatados.

O inesperado da alimentação na escola aparece como um cardápio variado com sabores que se assemelham nas palavras dos escolares: *todo dia é igual, só muda o nome do mingau [...] A gente tem que trazer tempero de casa pra botar na sopa senão ninguém come* (aluno da 4ª, em Alagoinhas).

Entre comer em casa, na escola e na rua, há representações sociais distintas. Em vários momentos, a casa aparece como um lugar incerto de alimentos e prazer. Para outros escolares, é o lugar de alimento e afeto. E a rua é lugar de “besteiras, porcarias, doces”, quando se tem dinheiro. Na rua não se pensa, tudo está público e não se confia. Sem fidelidade e obediência torna-se o lugar livre da vigília, autorizado para fazer e comer “qualquer coisa” (geladinho, pastéis, pipocas, refrigerantes). Nesse pertencimento público se atribui o lugar da autonomia e liberdade de ser, num momento em que se adoesce sem vigilâncias. Esses valores afetam as sensações e o gosto. Afetam as escolhas. E as novas escolhas não têm lugar para frutas ou verduras. Nesse aspecto, os alimentos saudáveis na linguagem biomédica não se combinam com o sentido do “saudável” propiciado pela rua. Na casa e na escola se disciplinam o corpo, o gosto, as sensações. O prazer de pertencer ao mundo e comer “qualquer coisa” está na rua. Este mundo único e lugar de existir sem receios nem paradigmas fechados.

Com este estudo é possível que se tenha a oportunidade de discutir amplamente sobre os significados da alimentação escolar e o saudável junto aos estudantes e o PNAE.

Notas

¹ No processo de pesquisa, no município de Lauro de Freitas criamos motivações, por meio de palestras e redações, com prêmios (mochila, cadernos e lápis); apresentação de música e poesia sobre fome para alunos do 1º. ano médio e supletivo noturno; conversas sobre alimentação com diretoras, professoras e alunos. Com isto, realizamos uma breve correspondência entre aspectos da alimentação e a prática educativa para a alimentação saudável.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

- BARTHES, R. **Uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac** Tradução: L. Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- _____. **Elementos de semiologia**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BENJAMIM, Walter. **Réflexions théoriques sur la connaissance**, Paris: le livre des Passages. Tradução de Jean Lacoste. Paris : Les Éditions du Cerf, 1989.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial nº 1.010, de 08 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, n. 87, p. 70, 9 maio 2006. Seção 1,
- COUNIHAN, C. M.; KAPLAN, S. **Food and gender identity and power**. Amsterdam: OPAS; Harwood Academic, 1998.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Tatuapé: Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Tradução de: Histoire de la sexualité 3 : le souci de soi. BNB 85. Biblioteca de filosofia e historia das ciências ; v.16
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- LÜDKE, M.; MARLI, A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1996.
- MONTEIRO, C. A; CONDE, W.L. Tendência secular da desnutrição e da obesidade (1974-1996). **Revista Saúde Pública**, v. 34, n. 6, dez., 2000.
- ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- PHILIPPI, Sonia T. Pirâmide alimentar adaptada: guia para escolha dos alimentos. **Rev. Nutrição**, v. 12, p. 65-80, jan./abr., 1999.
- RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**. Tradução: Sá Correia. Lisboa: Rés, 1988.
- SANTOS, L. A. **O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SOUZA, E. C; ABRAHÃO, M. H. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Salvador: EDUNEB, 2006.
- VICTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução do tema**. Porto Alegre: Tomo, 2000.